

**AQUI A HISTÓRIA ACABA E A LITERATURA PRINCIPIA: o escritor-personagem e os intertextos literários e históricos em *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago**

**REDU, Iarima Nunes<sup>1</sup>; MANDAGARÁ MARTINS, Aulus<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>UFPel – Bacharelado em Letras: Redação e Revisão de Textos; <sup>2</sup>UFPel, Centro de Letras e Comunicação. aulus.mm@gmail.com

## **1 INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa tem como objetivo geral analisar a articulação entre intertextos literários e intertextos históricos mediante a presença de escritor-personagem na construção do romance saramaguiano *O Ano da Morte de Ricardo Reis*. Especificamente, tenciona-se determinar quais são e de que maneira apresentam-se os intertextos literários e os intertextos históricos e relacionar tais intertextos aos escritores-personagens presentes no romance, Ricardo Reis e Fernando Pessoa, bem como verificar de que maneira as características do gênero metaficção historiográfica podem ser relevantes para a interpretação do romance em termos de articulação entre ficção e historiografia.

Momentos decisivos da construção de Portugal como nação foram recorrentes na produção romanesca de José Saramago, que os tratou de forma crítica e questionou a possibilidade de visões diferentes acerca de tais acontecimentos históricos; a produção ficcional de Saramago procura recontar a história de Portugal (ABDALA JUNIOR, 2007, p.70). Além dos grandes temas históricos, sobejam nos romances de Saramago referências intertextuais, especialmente a Fernando Pessoa, Luís de Camões e Eça de Queirós.

Em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* essas duas características da obra de Saramago se inter-relacionam através da presença de escritores-personagens situados em um momento histórico determinado, articulando literatura e história ainda mais intimamente: recuperando-se como personagem um escritor que, de fato, existiu, recuperam-se a literatura que produziu e o tempo histórico em que transitou.

Considerando os objetivos acima expostos, especificamente o de relacionar discurso literário e discurso histórico, problematizados pela presença de escritores-personagens na malha romanesca é evidente que grande parte do aporte teórico utilizado para subsidiar a análise de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* relaciona-se justamente às fronteiras entre os discursos literário e histórico, fronteiras essas que têm sido alvo de debate desde a *Poética* de Aristóteles, obra que traçou uma fronteira nítida entre a prática do poeta e a prática do historiador (1987, p. 209).

A articulação entre literatura e história atingiu um nível sem precedentes na cultura pós-moderna. Teóricos da cultura como Linda Hutcheon e historiadores como Hayden White passam a rever o estatuto das duas áreas e, ao invés de separá-las, enfatizam suas aproximações.

Em *A Poética do Pós-Modernismo*, Hutcheon afirma que “a ficção e a história são discursos, que ambas constituem sistemas de significação pelos quais damos sentido ao passado” (1991, p. 122). Tal afirmação aproxima ficção e história ao ressaltar o estatuto discursivo de ambas.

Do ponto de vista da historiografia, Hayden White enfatiza o *status* eminentemente narrativo da escrita da história e, principalmente, o papel do historiador nessa escrita. O principal conceito de White para esta pesquisa é o de urdidura dos fatos históricos em um enredo que segue uma estrutura prototípica. Para White, historiador escolhe como vai urdir os fatos para que sejam compreendidos pelos leitores: “os acontecimentos são convertidos em estória pela supressão ou subordinação de alguns deles e pelo realce de outros” (1991, p. 100).

A partir da segunda metade do século XX, as narrativas de extração histórica passaram a fazer releituras críticas do passado, a problematizar os processos de escrita tanto da literatura quando da história, a retratar as grandes figuras como seres ex-cêntricos, a dar voz a personagens excluídos dos registros históricos mais tradicionais. Esse novo tipo de romance histórico tem sido chamado de metaficção historiográfica por teóricos como Linda Hutcheon (1991) e utiliza-se da carnavalização e da paródia como formas de apropriação e transmutação dos discursos históricos e literários.

A metaficção historiográfica é um gênero marcado pelo hibridismo e pelas fronteiras esgarçadas entre o discurso literário e o histórico. Nela coexistem a autorreferencialidade da narrativa romanesca moderna e as preocupações com as lacunas da história. Romances que questionam os processos de escrita da ficção e da história, bem como contemplam criticamente a história oficial, podem ser enquadrados nesse gênero híbrido. Esse gênero recorre ao uso abundante de referências intertextuais tanto no que diz respeito à literatura quanto à história. Na metaficção historiográfica, a intertextualidade funciona como maneira de retomar textos literários e históricos e, ao mesmo tempo em que enriquece o texto novo de novas interpretações, modifica a maneira como os textos antigos eram compreendidos, questionando, assim, noções unitárias como a de “centro” e de “verdade absoluta”.

## 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

A análise empreendida nesta pesquisa foi qualitativa, e a metodologia utilizada foi bibliográfica. A perspectiva teórica que enquadrou a análise do romance foi fornecida por textos teóricos da área da crítica literária, da crítica cultural e da teoria da historiografia.

Foi feito um levantamento dos intertextos e dos hipertextos presentes em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* a fim de determinar de que maneira eles se relacionam aos escritores-personagens do romance e como eles articulam literatura e história.

Os conceitos de intertextualidade utilizados pela pesquisa foram os apresentados por Gérard Genette em *Palimpsestes: La Litterature au Second Degré* e retomados por Tiphaine Samoyault em *A Intertextualidade* (2008).

Para Genette, a intertextualidade e a hipertextualidade são práticas textuais que se inserem na mais ampla transtextualidade, que ele define como “tudo que o coloca em relação, manifesta ou secreta, com outros textos” (GENETTE, 2010, p. 11). O teórico francês determina, então, cinco tipos de relações transtextuais, que não são absolutamente estanques e se interpenetram: a intertextualidade, a paratextualidade, a metatextualidade, a hipertextualidade e a arquitekstualidade.

Interessam à análise de *O Ano da Morte de Ricardo Reis* a intertextualidade e a hipertextualidade.

Genette define a intertextualidade como uma relação de co-presença entre dois ou mais textos, a presença efetiva de um texto dentro de outro (GENETTE, 2010, p. 12); define a hipertextualidade como toda relação que une um texto B (hipertexto) a um texto anterior A (hipotexto) do qual o hipertexto “brota” de outra maneira que não a do comentário (GENETTE, 2010, p. 16). O hipertexto transforma o hipotexto, sem que uma relação de co-presença tão marcada quanto a observada na intertextualidade seja necessária.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa, em estágio final de desenvolvimento, mostrou que, em termos de escritor-personagem, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* ficção e história se condicionam mutuamente através da presença de Ricardo Reis e de Fernando Pessoa, escritores que são literária e historicamente marcados.

Considerando o exposto acerca da metaficção historiográfica de Hutcheon, bem como dos conceitos relativos à urdidura de enredo propostos por White, é possível dizer que o romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis* encaixa-se nessas duas categorias teóricas citadas. O romance saramaguiano relaciona-se com o passado luso-europeu do ano de 1936 não de maneira destrutiva, mas irônica – em conformidade, portanto, com o que afirma Umberto Eco em Pós-Escrito a O Nome da Rosa: “A resposta pós-moderna ao moderno consiste em reconhecer o passado, já que não pode ser destruído porque sua destruição leva ao silêncio, deve ser revisitado: com ironia, de maneira não inocente”. (ECO, 1985, p. 56-57).

O romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis* pode ser enquadrado como uma metaficção historiográfica uma vez que tal termo, que se refere aos dois aspectos mais salientes da produção ficcional do pós-modernismo – ao caráter autorreferencial e à reflexividade na abordagem da temática histórica –, pode ser aplicado ao que acontece na diegese do romance analisado. Como outros romances saramaguianos, *O Ano da Morte de Ricardo Reis* problematiza o conhecimento que se tem da historiografia oficial, justapondo a essa problematização a reflexão acerca do processo de escrita da literatura (KAUFMAN, 1991, p. 125), aspectos que levam à sua caracterização como metaficção historiográfica.

Em relação à urdidura do enredo, Saramago procede, no romance analisado, como os historiadores: escolhendo 1936 como o ano do desenvolvimento da diegese, trazendo para o romance justamente Ricardo Reis – o heterônimo pessoano mais a-histórico –, e questionando, através da instância narrativa, não só a veracidade das notas jornalísticas apresentadas ao longo do texto, mas também a liberdade dos meios de comunicação portugueses e europeus. Saramago escolhe um lado da história e narra esse lado através das escolhas que fez.

Considerando, também, o fundamental uso da intertextualidade tanto pela metaficção historiográfica, quanto pela escrita da história, pode-se afirmar que a presença da intertextualidade e da hipertextualidade é abundante em diversos níveis, sendo intertextuais as citações, alusões e referências a autores como Eça de Queirós, Luís de Camões e Fernando Pessoa, e hipertextuais as paródias e pastiches de textos literários dos citados autores e de notícias de jornais lisboetas do ano de 1936.

#### 4 CONCLUSÃO

Conclui-se que a presença de relações intertextuais e hipertextuais na construção do romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis* é marcante não só em um nível puramente literário (através da retomada da obra pessoana e das alusões a outros canônicos escritores lusitanos), mas também em um nível histórico (através das notícias de jornais da época, abundantes no romance).

As relações intertextuais (citação direta, referência e alusão), conforme se tem observado, relacionam-se diretamente com o universo literário canônico, sobretudo de literaturas em português e em espanhol – citações de Pessoa ortônimo, Reis heterônimo e Soares semi-heterônimo; diversas referências a Eça de Queirós e a Luís de Camões; alusão ao universo ficcional do escritor argentino Jorge Luis Borges mediante a retomada do conto “Estudo da obra de Herbert Quain” – presente em *Ficções* (BORGES, 2007) e também ao monstro Adamastor.

Já as relações hipertextuais ligam-se tanto ao universo literário – paródia de versos imbricados na malha textual –, quanto ao histórico – pastiche com notícias de jornal da época, especialmente dos jornais “O Século” e “Diário de Notícias”, publicadas entre 1935 e 1936.

#### 5 REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamim. **Literatura, história e política: literaturas de língua portuguesa no século XX**. Cotia, SP: Ateliê Editoria, 2007.

ARISTÓTELES. **Poética**. (trad. Eudoro de Souza) São Paulo: Nova Cultural, 1987.

BORGES, Jorge Luis. **Ficções**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ECO, Umberto. **Pós-escrito a “O nome da rosa”**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. (tradução de excertos) Belo Horizonte: Edições Viva Voz (Faculdade de Letras – UFMG), 2010.

HUTCHEON, Linda. **A poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

KAUFMAN, Helena. A metaficção historiográfica de José Saramago. **Colóquio-Letras**, Lisboa, n. 120, p. 124-135, abril-julho de 1991.

SAMOYAUULT, Tiphaine. **A intertextualidade**. São Paulo: HUCITEC, 2008.

WHITE, Hayden. **Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da cultura**. São Paulo: EDUSP, 2001.